

O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO: UMA ANÁLISE NA LÍNGUA FALADA POPULAR DE JOVENS SOTEROPOLITANOS

Jeferson da Silva Alves*

RESUMO: Neste artigo, analisaremos o uso do objeto direto anafórico na língua falada popular de jovens (de 15 a 24 anos) da cidade de Salvador, capital da Bahia na região Nordeste do país, manifestas em três variantes; uma considerada padrão: **1.** Clítico Acusativo (Com certeza, eh, é o tipo da coisa assim que meu pai e minha mãe me dá muita confiança, eu tenho muito medo de decepcionar eles, espero não decepcioná-**los**) e duas consideradas não-padrão; **2.** Pronome Lexical (Lá teve um problema gravíssimo o ano passado contra esse professor de física, eh, teve um, um aluno que agrediu **ele**) e **3.** Objeto Nulo (E tem uma prima minha que eu Ø adoro mesmo), usando-se para isso, o corpus do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP). Para tanto, tomando-se como referência para a análise a Teoria da Variação Laboviana, faz-se o levantamento dos contextos lingüísticos em que ocorre a variação, relacionando-os às variáveis extralingüísticas (chamadas de variáveis independentes (sociais) em nossa pesquisa): nível de escolaridade e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto direto anafórico; Variação Lingüística e Extralingüística; Língua Falada.

ABSTRACT: *In this article, we will analyze the use of the anaphoric direct object in the language spoken popular of young people (of 15 to 24 years) of the city of Salvador, capital of Bay in the Northeastern region of the country, manifest in three variants; one considered pattern: 1, Accusative Pronoun (Com certeza, eh, é o tipo da coisa assim que meu pai e minha mãe me dá muita confiança, eu tenho muito medo de decepcionar eles, espero não decepcioná-**los**) and two considered not-pattern; 2, Pronoun Lexical (Lá teve um problema gravíssimo o ano passado contra esse professor de física, eh, teve um, um aluno que agrediu **ele**) and 3. Null object (E tem uma prima minha que eu Ø adoro mesmo), being used for that, corpus of the Training program of the Popular Portuguese of Salvador (PEPP). For as much, taking itself as reference for the analysis the Theory from the Laboviana Variation, is done the rise of the linguistic contexts in which it happens the variation, relating-the to the extra linguistics variables (called of independent variables (social) in our investigation): level of schooling and sort.*

KEY WORDS: *Anaphoric direct object; Linguistic variation and Extra linguistic; Spoken Language.*

1. Introdução

* PUC-MG/PREPES. Contato: jefersonsalves@gmail.com.

Ademais do Sintagma Nominal pleno (que será excluído de nossas reflexões), diferentemente do que está prescrito nas Gramáticas Normativas¹ (GN), o Português Brasileiro (PB) apresenta variação para a retomada anafórica de terceira pessoa exibindo três variantes: uma considerada padrão – uso do pronome clítico acusativo – e duas consideradas não padrão – uso do pronome pessoal reto ou pronome lexical e uso do objeto nulo – como representam os exemplos (a), (b), (c) e (d):

1. Pronome pessoal representado pelas formas: *o* (sua variante feminina e suas variantes de plural) e suas variantes: *lo* (sua variante feminina e suas variantes de plural) e *no* (sua variante feminina e suas variantes de plural) – Clítico Acusativo (CA):

(a) Com certeza, eh, é o tipo da coisa assim que **meu pai e minha mãe** me dá muita confiança, eu tenho muito medo de decepcionar eles, espero não decepcioná-**los** (Ssa02Mm l. 503-4).

Referente: meu pai e minha mãe.

2. Pronome pessoal representado pelas formas: *ele* (sua variante feminina e suas variantes de plural) – Pronome Lexical (PL):

(b) Lá teve um problema gravíssimo o ano passado contra **esse professor de física**, eh, teve um, um aluno que agrediu **ele** (Ssa02Mm l. 409-10).

Referente: esse professor de física.

3. Elipse de um objeto de terceira pessoa em série anafórica – Objeto Nulo (ON):

(c) E tem **uma prima minha** que eu \emptyset adoro mesmo (Ssa02Mm l. 409-10).

¹ Foram consultadas 16 gramáticas para confecção do presente trabalho: André (1997); Bechara (1999); Cegalla (2002); Cipro Neto; Infante (1998); Cunha; Cintra (1985; 2001a; 2001b); Nicola (1997); Infante (2001); Faraco; Moura (1999; 2002); Mattos; Megale (1990); Rocha Lima (2001); Sacconi (1994). Torres (1959); Tufano (1997).

Referente: uma prima minha.

4. Sintagma nominal cujo núcleo não é um pronome de terceira pessoa – SN Pleno:

(d) Aí eu peguei **num alicate** de uma colega minha, que ela estava fazendo a unha, aí peguei **o alicate** (Ssa02Mm l. 115-6).

Referente: um alicate.

2. Metodologia de análise

Para a investigação linguística desta pesquisa, adotamos a metodologia Sociolinguística Laboviana.² Nosso objetivo é analisar quantitativamente as variáveis independentes (Sociais): **i.** Gênero do falante: Masculino e Feminino e **ii.** Escolaridade do falante: Primária (1 a 4 anos de estudos) e Média (5 a 11 anos de escolarização) envolvidas no uso da variável dependente: retomada do objeto anafórico de terceira pessoa com suas realizações: **1.** Clítico Acusativo; **2.** Pronome Lexical e **3.** Objeto Nulo na língua falada de jovens (de 15 a 24 anos) soteropolitanos. Nosso *corpus* foi constituído de parte dos inquéritos do Projeto de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP (Escolaridade Primária e Média) amostras constituídas na década de 1990.

É de suma importância salientar que na análise do *corpus*, PEPP, os informantes selecionados obedecem a uma faixa etária: Faixa 1 (F1), com informantes entre 15 e 24 anos. No grupo, há informantes dos gêneros distribuídos igualmente. Ademais da faixa etária e do gênero, o aspecto que os distingue refere-se ao nível de escolaridade.

A partir da seleção do *corpus*, levantamos as ocorrências em que se utilizou a variável dependente da retomada do objeto direto anafórico de terceira pessoa. Após essa etapa, submetemos os dados ao pacote de programas de regras variáveis *Goldvarb*³ que levantou os

² Cf. Weinreich; Labov; Herzog (1968; 2006); Labov (1975; 1981) Sankoff (1988a). O pressuposto básico dessa teoria associa à estrutura linguística a noção de heterogeneidade ordenada: a concepção de língua é inerentemente variável e a suposta variação livre é vista como passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas e não-linguísticas (variáveis sociais, por exemplo).

³ Cf. Sankoff (1988b); Pintzuk (1988); Guy (1998) Guy; Zilles (2006); Naro (2003); Scherre; Naro (2003).

dados quantitativos para a análise relacionando-os as formas variantes aos contextos lingüísticos e sociais envolvidos.

Os doze inquiridos do tipo diálogo entre o informante e o documentador (DID) analisados na presente investigação lingüística, foram tomados em número de seis de escolaridade primária e em seis de escolaridade média.

A amostra do *corpus* está constituída de conversas em situações semi-informais, em que se deixa o informante falar à vontade sobre um tema (educação, infância, profissão, vida social, etc.), e o entrevistador só intervém quando julga necessário, para estimular o entrevistado a falar por meio de perguntas curtas ou mudanças de assunto.

Os informantes entrevistados, por sua vez, estão compostos de seis homens e seis mulheres, o que favorece o equilíbrio entre os gêneros, distribuídos em três homens e três mulheres para cada escolaridade. Atribui-se de suma importância a esses informantes, o fato de preencherem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo, ou seja, serem naturais de Salvador, nela ter residido desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferencialmente nascidos na cidade em exame.

3. Análise dos dados

Em nossa análise, iniciaremos dando um panorama do levantamento quantitativo das ocorrências encontradas no *corpus* levando em consideração as variantes: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Objeto Nulo⁴.

Clítico Acusativo	Pronome Lexical	Objeto Nulo
Aplicativo/Total/%	Aplicativo/Total/%	Aplicativo/Total/%
2/344/1%	84/344/24%	259/344/75%

Tabela 1: Distribuição das variantes encontradas na língua falada dos jovens em Salvador.

Na tabela 1 acima, percebemos que o uso do Clítico Acusativo que é considerado padrão da língua como registra a tradição gramatical tem seu uso quase nulo e restrito somente há alguns contextos como em (1) abaixo:

⁴ Segue em ordem alfabética outras pesquisas sobre ODA consultadas para confecção do presente trabalho: Araújo (2005); Bagno (2001; 2003; 2004); Baltor (2008); Calles (2006); Câmara Junior (1975); Figueiredo (2005); Freitag (2005); Lima (2008); Luz (2008); Machado (2006); Menuzzi (1999); Rocha (2000).

(1) **02:** Com certeza, eh, é o tipo da coisa assim que meu pai e minha mãe me dá muita confiança, eu tenho muito medo de decepcionar eles, espero não decepcioná-**los** (Ssa02Mm l. 503-4).

Percebemos, no exemplo citado acima, que o contexto que influenciou no uso do Clítico Acusativo (CA) foi o contexto de verbo no infinitivo. Contexto muito parecido foi encontrado no exemplo (2) abaixo, porém, o clítico utilizado foi o *lhe* (chamado de dativo) com valor acusativo:

(2) **04:** “Se ele te ofereceu alguma coisa, você sabe que é um viciado, não queira que vai **lhe** prejudicar (Ssa04Hm l. 587-8).

No uso do Pronome Lexical, encontramos 24% das ocorrências e seu uso também é bastante restrito, pois, dos 84 dados analisados todos os objetos foram [+ animados], portanto, o que licencia tal uso é o fator *animacidade* como exemplifica (3) e (4):

(3) **04:** Eu não tive ligação com fogos, tinha muitos fogos, soltava **eles** pra lá, mas eu não gosto muito não (Ssa04Hm l. 753-4).

(4) **DOC:** E reclamou?

05: Só com ela na frente de todo mundo, mandou **ela** ir embora, perdeu a prova (Ssa05Mp l. 296-7).

Por fim, nota-se que o uso do Objeto Nulo faz parte da realidade linguística de Salvador com 259 das ocorrências ou 75% com demonstram os exemplos (5) e (6):

(5) **DOC:** Êta, e ninguém entrou pra separar?

05: Ninguém tirou só o professor que chamou a, a direção pra reclamar, aí tirou, aí \emptyset separaram (Ssa05Mp l. 328-330).

(6) **18:** O Bahia está bem graças a Deus, está em primeiro lugar e tomara que ele consiga subir pra primeira divisão né, ele subindo pra primeira divisão é melhor que a gente vai prestigiar Ø mais, ele vai ganhar muito mais dinheiro e os baianos que são Bahia muito felizes, entrar o ano dois mil tocando de fogo pra cima (Ssa18Hp l. 350-3).

Nas seções 3.1 e 3.2 que seguem, analisaremos o fator gênero do falante e escolaridade do falante respectivamente para verificar se os fatores sociais influenciam na escolha das variantes envolvidas em questão.

3.1. Gênero do falante

A opção pelo termo gênero ao invés de sexo em nossa pesquisa se justifica, pois, o segundo se refere somente às diferenças fisiológicas entre homens e mulheres ao passo que o primeiro é mais abrangente e “traz conotações culturais que demonstram as diferenças sociais entre homens e mulheres, assim como as relações de poder entre os grupos, revelando a identidade de cada ‘sexo’” (Cf. CARDOSO; 2007, 846).

A tabela 2, a seguir, demonstra um equilíbrio entre o gênero masculino e feminino, já que aquele utilizou a variável dependente 168 vezes ou 49% e este 176 vezes ou 51%.

Gênero	Masculino	Feminino	Total
	Aplicativo/%	Aplicativo/%	Aplicativo/%
Clítico Acusativo	1/0.6%	1/1.1%	2/1%
Pronome Lexical	35/20.8%	49/26.7%	84/24%
Objeto Nulo	132/78.6%	127/72.2%	259/75%
Total	168/49%	176/51%	344/100%

Tabela 2: Distribuição das variantes segundo o sexo do falante.

Analisando as variantes separadamente, percebemos mais uma vez um equilíbrio entre os gêneros. O uso do Clítico Acusativo é quase zero tanto com os falantes do sexo masculino quanto com os do sexo feminino com 1 ocorrência no masculino (0.6%) e 1 no feminino (1.1%), revelando que as formas prescritas nas GN não estão tão presentes no vernáculo de Salvador e restrita a alguns contextos específicos como no exemplo (1) na seção 3 acima.

O Pronome Lexical (que é o mais estigmatizado pela tradição gramatical) foi expresso em pouco mais de 20% das ocorrências pelos dois gêneros, com diferença de quase seis pontos percentuais: mulher (26.7%) e homem (20.8%). Nestas estruturas, tais usos se restringem há alguns poucos contextos específicos como em (3) e (4) na seção 3 supracitada.

O uso do Objeto Nulo, portanto, é o preferencial na língua falada em Salvador, independente do gênero do falante com diferença de pouco mais de seis pontos percentuais: homens (78.6%) e mulheres (72.2%). Em outras palavras, o gênero do falante não está influenciando para a variação de tal fenômeno lingüístico.

3.2. Escolaridade do falante

A tabela 3, a seguir, já revela uma pequena diferença em relação aos usos das variantes revelando que a escolaridade média se esquia mais da variante mais estigmatizada (uso do Pronome Lexical) do que a primária.

Escolaridade	Primária	Média	Total
	Aplicativo/%	Aplicativo/%	Aplicativo/%
Clítico Acusativo	-	2/2%	2/1%
Pronome Lexical	58/32%	25/15%	84/24%
Objeto Nulo	123/68%	136/83%	259/75%
Total	181/52%	163/48%	344/100%

Tabela 3: Distribuição das variantes segundo a escolaridade do falante.

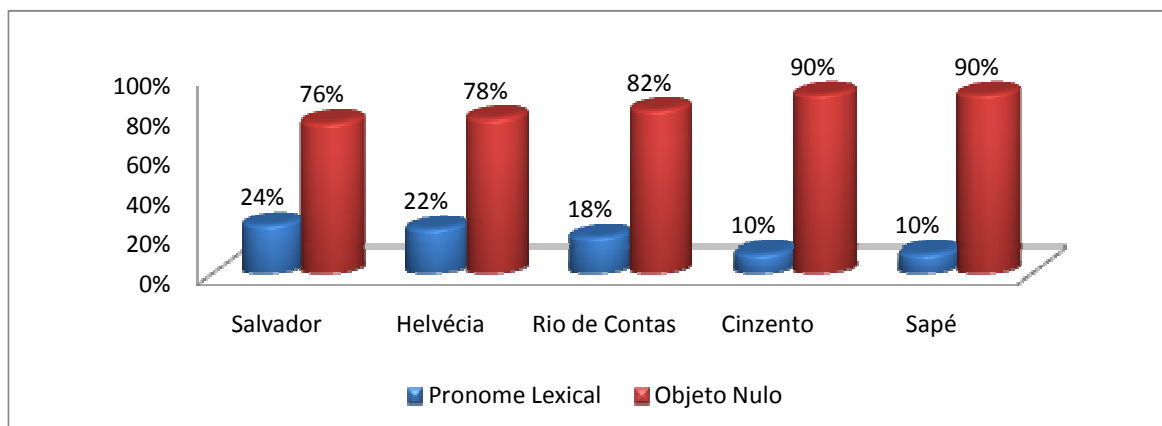
Como configura a tabela 3, o uso do clítico acusativo que é prescrito pela tradição gramatical só aparece na escolaridade média e com um percentual de somente 2% das ocorrências. O uso do pronome lexical que é o mais estigmatizado encontra respaldo com maior ocorrência entre os falantes de escolaridade primária com um percentual de 32%. A escolaridade média no uso do objeto nulo é a que mais faz uso desta forma que está substituindo (ou já substituiu) a forma considerada a padrão com 83% das ocorrências. Em outras palavras, a escolaridade está atuando como fator condicionante para a variação na língua falada em Salvador no que se refere à retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa.

4. Objeto direto anafórico no estado da Bahia

Em 2002, surgiu a pesquisa em Zonas Rurais da Bahia com a dissertação de mestrado,⁵ concluída em 2004, de Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva, vinculada ao Projeto Vertentes do Português Rural do estado da Bahia (VERTENTES) coordenado pelo professor Dr. Dante Lucchesi no Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto tem como objetivo principal observar a realidade atual dos falares rurais do Estado da Bahia buscando lançar luzes sobre os processos que constituem a história sociolingüística desses falares, particularmente os processos derivados do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas, que marcam a formação da realidade lingüística brasileira.

Nesta dimensão, incluem-se as diferenças lingüísticas no que se refere à retomada anafórica do objeto direto de terceira pessoa observadas entre regiões distintas da Bahia, onde se fala a mesma língua, a saber: **1.** Salvador; **2.** Quatro comunidades rurais Afro-descendentes, a saber: **i.** Helvécia; **ii.** Rio de Contas; **iii.** Cinzento e **iv.** Sapé – os dados aqui foram extraídos de outra pesquisa (FIGUEIREDO; 2005). Sabemos que a variação diatópica ou regional pode ocorrer de país para país (Brasil, Portugal, Angola, por exemplo), de região para região (região sul, com os falares gaúcho, catarinense, por exemplo, e região nordeste, com os falares baiano, pernambucano, etc.), dentro de uma mesma região (Salvador e comunidades rurais Afro-descendentes da Bahia, por exemplo).

⁵ A dissertação foi defendida em 2004, contudo, não tive acesso: **O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro**. Com orientação do Prof^o Dr. Dante Lucchesi.



Gr

Gráfico 1: Variação diatópica (regional) na Bahia.

Como delinea o gráfico acima, a retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa se manifesta em maior parte pelo objeto nulo, revelando que comunidades mais isoladas como Cinzento e Sapé utilizam-no em 90% de suas ocorrências ao passo que as outras duas: Helvécia e Rio de Contas que têm contato com outros dialetos (Cf. FIGUEIREDO; 2005, p. 7) tal uso se mostra muito próximo ao dialeto urbano dos jovens soteropolitanos: Salvador com 76%, Helvécia 78% e Rio de Contas 82%. Portanto, seguindo as reflexões de Figueiredo (2005, p. 7) e nossos dados, a estratégia com o clítico acusativo é utilizada somente por falantes escolarizados e o pronome lexical também faz mais parte de dialetos + *urbanos* mesmo indo de encontro ao que prescreve a tradição gramatical.

5. Conclusões

Ao fim de nossas análises, percebemos, a partir do uso global, que a forma mais presente na língua falada dos jovens de Salvador para a retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa é o objeto nulo com 75% das ocorrências. Percebemos, contudo, que as variáveis independentes influenciam no uso do objeto direto anafórico a depender da variável social como veremos a seguir:

1. Gênero do falante: notamos que o gênero do falante não está condicionado para a variação, pois ambos ficaram bem próximos nos usos de suas frequências: Homem – Clítico

Acusativo (0,6%); Pronome Lexical (20.8%) e Objeto Nulo (78.6%) e Mulher – Clítico Acusativo (1.1%); Pronome Lexical (26.7%) e Objeto Nulo (72.2%).

2. Escolaridade do falante: o fator escolarização se revelou como influenciador para a variação da retomada anafórica do objeto direto de terceira pessoa, revelando que os falantes com mais escolarização tende a usar mais a estratégia de Objeto Nulo com 83% das ocorrências, resultado muito próximo a duas comunidades afro-rurais: Cinzento (90%) e Sapé (90%).

Com o fim dessas análises, concluímos, portanto, que as formas mais estigmatizadas fazem mais parte do dialeto urbano de Salvador do que nas comunidades afro-rurais e que em Salvador o que condiciona para a escolha de uma variante ou de outra é a escolaridade.

Referências

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ARAÚJO, Rerisson Cavalcante. O objeto direto anafórico em textos da web. In: *Revista Inventário*. 4. ed., jul/2005.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: Língua e poder na sociedade brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: Tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BALTOR, Cristiane da Silva. Objeto direto anafórico: uma análise das variáveis sociais. In: *Anais do Congresso Nacional Abralín em Cena Piauí*. Teresina: UFPI, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna 1999.

CALLES, Diva Cleide. Considerações sobre estratégias alternativas ao clítico de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico. In: *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna*. Ano 03, nº 4. 1º Semestre de 2006.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattosi. *Dispensos*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

CARDOSO, Daisy Barbara Borges. A influência do fator gênero no estudo da mudança lingüística. In: *Anais do V Congresso Internacional da ABRALIN*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2002.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: terceira edição revista. Nova apresentação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: 2. ed.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Língua e Sociedade: variação e conservação lingüística. In: *Nova gramática do português contemporâneo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO & MOURA. *Gramática*. 19. ed. [S.l.] : Ática, 2002.

FARACO & MOURA. *Língua e Literatura: 2 ° grau*. volume único. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FIGUEIREDO, Maria Cristina Vieira. O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro do estado da Bahia. In: *Revista Inventário*. 5. ed., jul/2005.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Faixa etária e frequência de uso na gramaticalização de acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis. In: *Revista Inventário*. 4. ed., jul/2004.

GUY, Gregory R. Varbrul; análise avançada. In: NEUSA, Matte (Org.). *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. 1998. p. 27-49. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles.

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolingüística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática: aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

KATO, Mary A. Português brasileiro falado: Aquisição em contexto de mudança lingüística. In: DUARTE, Inês; LEIRIA, I (orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol. II: Lisboa, p. 211-237.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchronic descriptions? In: SANKOFF, D. & CEDERGREN, H. (eds.) *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Research, Inc. p.177-99. 1981.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

LIMA, Siumara Aparecida de. *Relações anafóricas em textos produzidos em situação escolar no ensino médio*. 2008. 112. f. 204. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – UFPR, Curitiba.

LUZ, Cláudia Norete Novais. A representação do clítico acusativo anafórico: “olha ele” nas novelas da rede globo. In: *Anais do Congresso Nacional Abralín em Cena Piauí*. Teresina: UFPI, 2008.

MACHADO, Patrícia. Brasil, meu Brasil brasileiro. In: *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna*. Ano 03, nº 4. 1º Semestre de 2006.

MATTOS, Geraldo; MEGALE, Lafayette. *Português: 2º grau*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1990.

MENUZZI, Sergio. *Aquisição da anáfora pronominal no português do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, (Projeto de Pesquisa), 1999.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NICOLA, José. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. Inédito, 1988.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

ROCHA, Marco. Relações anafóricas no português falado: uma abordagem baseada em corpus. In: *DELTA*, 2000, vol.16, no.2, p.229-261.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. reform. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press. p.141-60. 1988a.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIR, K. J. (Ed.). *Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988b. p. 984-998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003. p. 147-177.

TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 8ª ed. rev. E ampli. Editora Fundo de Cultura S.A. Rio de Janeiro. 1959.

TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. São Paulo: Moderna, 1997.

WEINREICH, U; LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change. Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press. p.97-195. 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.